

FHC em dois tempos

A viagem do presidente Fernando Henrique ao Chile tem sido apresentada como de caráter mais sentimental que político. Naquele país, o presidente curtiu alguns anos fecundos de exílio, entre o final da década de 60 e o início da de 70.

Conviveu com intelectuais esquerdistas, muitos deles brasileiros — José Serra e Paulo Renato, por exemplo —, e conheceu a fina-flor do pensamento marxista latino-americano de então. Sob essa influência, escreveu alguns dos livros cujo conteúdo hoje, temperado pela experiência e pelo poder, não mais chancela.

Quanto a isto, nada a opor. Alceu Amoroso Lima dizia que só não muda de idéia quem não tem idéia para mudar. Ele próprio, Alceu, fora integralista na juventude e, na maturidade, tornou-se defensor do socialismo democrático e crítico feroz de suas idéias anteriores.

O Chile, naquela oportunidade, era uma espécie de oásis democrático no continente, onde predominavam governos militares alinhados com os interesses norte-americanos. A vitória de Salvador Allende tornou-o a meca das esquerdas e, por conseguinte, parada obrigatória na rota do exílio. Enquanto as esquerdas confraternizavam e filosofavam, as forças reacionárias conspiravam. Em 1973, vem o golpe de Estado, com a vitória do general Augusto Pinochet e a morte de Allende. É o fim do paraíso socialista e o início de um dos regimes mais

repressores de que se tem notícia em todo o continente.

O roteiro sentimental de Fernando Henrique, em seu retorno ao Chile, limitou-se ao reencontro de amigos, entre os quais o próprio presidente Eduardo Frei. Dele, não constou o reencontro com as idéias do passado. Ao contrário, o presidente entusiasma-se com o modelo econômico chileno, cuja implantação deve-se exatamente ao general Pinochet. Ele se serviu da funcionalidade do regime de exceção para impor drásticos ajustes, que sucatearam o parque industrial do país, tornando-o importador e dependente. Não é um modelo aplicável ao Brasil.

FHC, que não é liberal, encanta-se com a funcionalidade do Estado chileno e com o grau de eficiência gerencial que alcançou. Ocorre que o Chile não é o Brasil. Não possui as disparidades sociais e regionais daqui, onde a ação do Estado é ainda indispensável em diversas frentes.

Privatizar a Previdência no Chile, por exemplo, foi relativamente simples. Primeiro porque isso aconteceu ao tempo da ditadura. Segundo porque se trata de um país de classe média, com níveis mais reduzidos de pobreza e maior expectativa de vida. O Brasil, com suas disparidades, tem ilhas de prosperidade ao nível do Chile. Mas possui bolsões de miséria que o aproximam dos mais pobres países da África. Nosso modelo definitivamente tem que ser outro.